


# ENSINO SUPERIOR

REVISTA DO SNESUP



## A universidade ainda precisa de intelectuais?

**O limbo da enfermagem**  
por Ana Paula Monteiro  
pág. 14

**Ciência Cidadã**  
por Paulo Ferreira  
da Cunha  
pág. 22

**As faltas justificadas**  
por Gonçalo Velho  
pág. 26

**FICHA TÉCNICA:**

**Propriedade da Revista**  
SNESup

**Sede Nacional**

Av. 5 de Outubro, 104, 4.º  
1050-060 LISBOA  
Telefone: 217 995 660  
Fax : 217 995 661  
E-Mail: [snesup@snesup.pt](mailto:snesup@snesup.pt)  
Site: [www.snesup.pt](http://www.snesup.pt)

**Outras Sedes do SNESup**

Pr. Mouzinho Albuquerque, 60 - 1.º  
(Rotunda da Boavista)  
4100-357 PORTO  
Telefone: 22 543 05 42  
Fax 225 430 543  
E-Mail: [snesup.porto@snesup.pt](mailto:snesup.porto@snesup.pt)

Estrada da Beira, 503, R/C, A  
3030-173 COIMBRA  
Telefone: 239 781 920  
Fax: 239 781 921  
E-Mail: [snesup.coimbra@snesup.pt](mailto:snesup.coimbra@snesup.pt)

**Jul/Ago/Set**

Periodicidade Trimestral

**Administração**

Av. 5 de Outubro, nº 104, 4.º  
1050-060 LISBOA  
Telefone: 217 995 660  
Fax : 217 995 661  
E-Mail: [snesup@snesup.pt](mailto:snesup@snesup.pt)

**Diretor**

Paulo Peixoto

**Diretoras-adjuntas**

Catarina Fernando  
Teresa Nascimento

**Conselho Editorial**

Álvaro Borralho  
Catarina Fernando  
Gonçalo Velho  
João Leitão  
Mariana Gaio Alves  
Paulo Ferreira da Cunha  
Teresa Nascimento

**Produção, Edição e Publicidade**

Terra das Ideias  
Rua Fernando Oliveira, 8  
2130-999 Benavente  
Telefone: 263 589 307  
Fax: 263 589 309  
E-Mail: [apoioaocliente@terradasideias.com](mailto:apoioaocliente@terradasideias.com)  
[www.terradasideias.com](http://www.terradasideias.com)

**Conceção gráfica, paginação,  
pré-impressão e impressão**

Terra das Ideias  
[www.terradasideias.com](http://www.terradasideias.com)

**Registado na Entidade Reguladora para  
a Comunicação Social com o número:**  
125898

**Tiragem**

5.000 Exemplares

**Depósito Legal**

180504/02

ISSN 2183-2110

Preço: 5 Euros

Assinatura de 5 Números: 25 Euros

**Créditos Fotográficos**  
Istockphoto, Arquivo da Revista



## A universidade na teia da tecnocracia

- >4 **Opinião**  
Universidades e mentalidade de *bunker*
- >7 **Vida Sindical**  
SNESup reúne Grupos parlamentares para debater regime transitório dos estatutos de carreira
- >8 **Organização do Ensino**
  - > O declínio da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar
  - > O limbo da enfermagem em Portugal: entre politécnico e universidade
- >22 **Investigação científica**  
A urgência de uma ciência cidadã
- >26 **Carreiras**  
As faltas justificadas
- >28 **Temas atuais**
  - > Produção e criação literárias
  - > Participação laboral
- >44 **Secção jurídica**  
Reposição de aulas

PAULO PEIXOGO

PAULO.PEIXOGO@SNESUP.PT

## A máquina de triturar intelectuais

Quando se tornou Imperador do Sacro Império Romano-Germano, Carlos IV fundou, em meados do século XIV, a Universidade de Praga, a primeira da Europa Central. Com esta medida, Carlos IV visava expressamente formar funcionários que fossem capazes de instituir e de disseminar o seu poder formal num território vasto. Mais de 5 séculos depois, também em Praga, Franz Kafka retratava a vaga de submissão que se instalava na Europa no início do século passado. Essa vaga era reificada pelos funcionários e dava forma à tirania da burocracia. O funcionário anónimo tinha triunfado. O seu objetivo não era mais impor o poder do estado, a racionalidade do bem comum, nem mesmo a vontade dos poderosos. O seu objetivo visava tão só impor o seu próprio poder por via da criação de um inferno quotidiano onde ardiam cidadãos indefesos. A irracionalidade de um mundo feito de papéis criou um cenário de exaustão física e psicológica, capaz de ir moendo aos poucos qualquer indivíduo, por mais paciente que fosse. Ainda que sem papéis, mas cada vez com mais formulários, a academia converteu-se numa máquina de triturar intelectuais. Ao “funcionalizar” os seus profissionais sitiou a capacidade criativa. Ao impor métricas em todas as dimensões da profissão formatou disciplinadamente os comportamentos. Dir-se-ia, à margem do pessimismo kafkiano, que alcançou o mundo perfeito. Tanto mais que num contexto representado pelo poder da intelectualidade, como é o da academia, a síndrome de *burnout* naturaliza-se sem percalços.

O “intelectual funcionalizado” coloca o trabalho como a medida mais relevante da sua autoestima; isola-se progressivamente, mas consagra-se cegamente à causa, desprezando as suas necessidades pessoais e relacionais; converte tudo numa urgência extrema e imediata, dedica-se com afinco e faz sozinho o que tem de ser feito, em qualquer dia da semana, a qualquer hora do dia; a necessidade de se afirmar perante os pares e de dar provas da sua superioridade permitem-lhe tomar consciência que alguma coisa não está bem, mas não há cedência nem baixa médica e só uma doença muito grave pode ser um problema. De vez em quando queixa-se. Mas essa é, precisamente, a primeira regra do jogo burocrático em que se enredou. Queixa-se, não porque tenha vontade de se libertar, mas para legitimar a vontade de impor aos outros os mesmos sacrifícios.

**Ao “funcionalizar” os seus profissionais sitiou a capacidade criativa. Ao impor métricas em todas as dimensões da profissão formatou disciplinadamente os comportamentos.**

O número 53 da *Ensino Superior – Revista do SNESup* destaca a relação entre universidade e intelectualidade. Trata-se de uma relação aparentemente óbvia, mas que urge questionar. Em “Opinião” problematizamos o modo como, na academia, a falta de exposição à diversidade fomenta uma intelectualidade dominada por uma mentalidade de *bunker*. Paulo Ferreira da Cunha, desenvolve, na secção “Investigação

Científica”, uma reflexão de pendor ensaístico onde sugere que os sábios desistiram em massa de pensar o seu tempo e que o modo como se exercem as profissões académicas e científicas está a torná-las plácidas, inócuas e burocratizadas. Gonçalo Leite Velho, na secção “Carreiras”, aborda a “funcionalização”, argumentando que pequenos e grandes assédios, um controle sucessivo e outras tendências estão a mudar a natureza da academia e das profissões

docentes e científicas. Este argumento é suportado, na “Secção jurídica” pelo parecer de José Henriques Martins, que escarpeliza o dever de reposição de aulas.

Em “Organização do ensino”, Gonçalo Brás destaca, através do exemplo da escola onde foi docente, a natureza da questões que contribuem para o declínio da instituição. E Ana Paula Monteiro discute o estatuto da enfermagem portuguesa, defendendo o seu enquadramento no ambiente universitário. Em “Temas atuais”, Hermes Augusto Costa traz ao debate a questão da participação laboral, analisando diretivas e experiências ligadas aos conselhos de empresa europeus. A habitual rubrica “Relatos do Bule” centra-se na temática da produção e criação literárias. Aproveito para, em nome da revista, deixar votos de boas férias ●